

Papa Francisco

Amou-nos

CARTA ENCÍCLICA

DILEXIT NOS

DO SANTO PADRE

FRANCISCO

SOBRE O AMOR HUMANO E DIVINO

DO CORAÇÃO DE JESUS



EDITORIAL AO

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

539351/24

ISBN

978-972-39-0999-9

Novembro de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@snao.pt

1. «AMOU-NOS», diz São Paulo referindo-se a Cristo (*Rm* 8, 37), para nos ajudar a descobrir que nada «será capaz de separar-nos» desse amor (*Rm* 8, 39). Paulo afirmava-o com firme certeza, porque o próprio Cristo tinha garantido aos seus discípulos: «Eu vos amei» (*Jo* 15, 9.12). Disse também: «Chamei-vos amigos» (*Jo* 15, 15). O seu coração aberto precede-nos e espera-nos incondicionalmente, sem exigir qualquer pré-requisito para nos amar e oferecer a sua amizade: Ele amou-nos primeiro (cf. *1 Jo* 4, 10). Graças a Jesus, «conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (*1 Jo* 4, 16).

Capítulo I

A IMPORTÂNCIA DO CORAÇÃO

2. Para exprimir o amor de Jesus Cristo, recorre-se frequentemente ao símbolo do coração. Há quem se interrogue se isto atualmente tem um significado válido. Porém, é necessário recuperar a importância do coração quando nos assalta a tentação da superficialidade, de viver apressadamente sem saber bem para quê, de nos tornarmos consumistas insaciáveis e escravos na engrenagem de um mercado que não se interessa pelo sentido da nossa existência¹.

O que entendemos quando dizemos «coração»?

3. No grego clássico profano, o termo *kardía* designa a parte mais íntima dos seres humanos, dos animais e das

¹ Uma boa parte das reflexões deste primeiro capítulo estão inspiradas nos escritos inéditos do P. Diego Fares, sj. Que o Senhor o tenha na sua Santa Glória!

plantas. Em Homero, indica não só o centro corpóreo, mas também a alma e o centro espiritual do ser humano. Na *Iliada*, o pensamento e o sentimento pertencem ao coração e estão muito próximos um do outro². O coração aparece como o centro do desejo e o lugar onde são forjadas as decisões importantes dum pessoa³. Em Platão, o coração assume, de certa forma, uma função “sintetizante” do que é racional e das tendências de cada pessoa, uma vez que tanto o comando das faculdades superiores como as paixões se transmitem através das veias que convergem no coração⁴. Assim, desde a antiguidade advertimos a importância de considerar o ser humano não como uma soma de diferentes capacidades, mas como um complexo anímico-corpóreo com um centro unificador que dá a tudo o que a pessoa experimenta um substrato de sentido e orientação.

4. A Bíblia diz que «a Palavra de Deus é viva, eficaz [...] e discerne os sentimentos e as intenções do coração» (*Heb* 4, 12). Deste modo, fala-nos de um núcleo, o coração, que se esconde por detrás de todas as aparências, e até mesmo de pensamentos superficiais que nos confundem. Os discípulos de Emaús, na sua misteriosa caminhada com Cristo

² Cf. Homero, *Iliada*, canto XXI, verso 441.

³ Cf. *Ibid.*, canto X, verso 244.

⁴ Cf. *Timeu*, § 65c-d; § 70.

ressuscitado, viviam um momento de angústia, confusão, desespero, desilusão. Mas, para além disso e apesar de tudo, acontecia algo no seu íntimo: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho?» (*Lc 24, 32*).

5. O coração é igualmente o lugar da sinceridade, onde não se pode enganar ou dissimular. Costuma indicar as verdadeiras intenções, o que se pensa, se acredita e se quer realmente, os “segredos” que não se contam a ninguém, em suma, a verdade nua e crua de cada um. O que não é aparência ou mentira, mas autêntico, real, inteiramente “pessoal”. É por isso que Sansão, que não havia revelado a Dalila o segredo da sua força, foi interpelado por ela deste modo: «Como podes dizer “Amo-te”, se o teu coração não está comigo?» (*Jz 16, 15*). Só quando lhe revelou o seu segredo tão escondido é que ela «viu que ele lhe abria todo o coração» (*Jz 16, 18*).

6. Frequentemente, esta verdade íntima de cada pessoa está escondida debaixo de muita superficialidade, o que torna difícil o autoconhecimento e ainda mais difícil conhecer o outro: «Nada mais enganador que o coração, tantas vezes perverso: quem o pode conhecer?» (*Jr 17, 9*). Compreendemos assim porque é que o livro dos Provérbios nos exorta: «Vela com todo o cuidado sobre o teu coração, porque dele jorram as fontes da vida. Preserva-te da linguagem enganosa, afasta de ti a maledicência» (*Pr 4, 23-24*).

A mera aparência, a dissimulação e o engano danificam e pervertem o coração. Para além das muitas tentativas de mostrar ou exprimir o que não somos, é no coração que se decide tudo: ali não conta o que mostramos exteriormente ou o que ocultamos, ali conta o que somos. E esta é a base de qualquer projeto sólido para a nossa vida, porque nada que valha a pena pode ser construído sem o coração. As aparências e as mentiras só trazem vazio.

7. Como metáfora, quero recordar algo que já contei noutra ocasião: «Recordo que no carnaval, quando éramos crianças, a avó nos preparava doces, e a que ela fazia era uma massa muito fina. Depois colocava-a no azeite e aquela massa crescia e quando nós a comíamos, estava vazia. Aqueles doces em dialeto chamavam-se “mentirinhas”. E era precisamente a avó quem explicava a razão: aqueles doces “são como as mentiras, parecem grandes, mas dentro não têm nada, não há nada verdadeiro, não há substância alguma”⁵.

8. Em vez de procurar uma satisfação superficial e de representar um papel diante dos outros, é melhor deixar que surjam perguntas decisivas: quem realmente sou? O que

⁵ *Homília na Missa matutina de Santa Marta* (14 de outubro de 2016): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal em português de 20 de outubro de 2016), 7.

procuro? Que sentido quero dar à vida, às minhas escolhas e ações? Por que razão e para que fim estou neste mundo? Como vou querer avaliar a minha existência quando ela terminar? Que sentido quero dar a tudo o que vivo? Quem quero ser perante os outros? Quem sou diante de Deus? Estas perguntas conduzem-me ao meu coração.

Regressar ao coração

9. Neste mundo líquido, é necessário voltar a falar do coração; indicar onde cada pessoa, de qualquer classe e condição, faz a própria síntese; onde os seres concretos encontram a fonte e a raiz de todas as suas outras potências, convicções, paixões e escolhas. Movemo-nos, porém, em sociedades de consumidores em série, preocupados só com o agora e dominados pelos ritmos e ruídos da tecnologia, sem muita paciência para os processos que a interioridade exige. Na sociedade atual, o ser humano «corre o perigo de se desorientar do centro de si mesmo»⁶. «O homem contemporâneo encontra-se com frequência transtornado, dividido, quase privado de um princípio interior que crie unidade e harmonia no seu ser e no seu agir. Modelos de comportamento infelizmente bastante

⁶ São João Paulo II, *Alocução do Angelus* (2 de julho de 2000): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal em português de 8 de julho de 2000), 1.

difundidos exaltam a sua dimensão racional-tecnológica, ou, ao contrário, a instintiva»⁷. Falta o coração.

10. Ora, o problema da sociedade líquida é atual, mas a desvalorização do centro íntimo do homem – o coração – vem de mais longe: encontramos-la já no racionalismo grego e pré-cristão, no idealismo pós-cristão ou no materialismo nas suas diversas formas. O coração teve pouco espaço na antropologia e é uma noção estranha ao grande pensamento filosófico. Preferiram-se outros conceitos, como a razão, a vontade ou a liberdade. O seu significado permanece impreciso e não lhe foi atribuído um lugar específico na vida humana. Talvez porque não fosse fácil colocá-lo entre as ideias “claras e distintas” ou porque o conhecimento de si mesmo supõe dificuldade: parece que a realidade mais íntima é também a mais afastada do nosso conhecimento. Talvez porque o encontro com o outro não se consolida como caminho para nos encontrarmos a nós próprios, já que o pensamento conduz, uma vez mais, a um individualismo doentio. Muitos, para construir os seus sistemas de pensamento, sentiram-se seguros no âmbito mais controlável da inteligência e da vontade. E, ao não se encontrar um lugar para o coração, como algo distinto das faculdades e das paixões humanas consideradas

⁷ Idem, *Catequese* (8 de junho de 1994): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal em português de 11 de junho de 1994), 8.

separadamente, também não se desenvolveu suficientemente a ideia de um centro pessoal, em que a única realidade que pode unificar tudo é, em última análise, o amor.

11. Ao não se dar o devido valor ao coração, desvaloriza-se também o que significa falar a partir do coração, agir com o coração, amadurecer e curar o coração. Quando não se consideram as especificidades do coração, perdemos as respostas que a inteligência por si só não pode dar, perdemos o encontro com os outros, perdemos a poesia. E perdemos a história e as nossas histórias, porque a verdadeira aventura pessoal é aquela que se constrói a partir do coração. No fim da vida, só isto contará.

12. É preciso afirmar que temos um coração e que o nosso coração coexiste com outros corações que o ajudam a ser um “tu”. Como não podemos desenvolver longamente este tema, recorreremos ao personagem chamado Stavroguine, de um romance de Dostoievski⁸. Romano Guardini aponta-o como a própria encarnação do mal, porque a sua principal característica é não possuir coração: «Stavroguine, porém, não possui coração. O seu espírito é, portanto, frio e vazio e o seu corpo intoxica-se de indolência e sensualidade “animalesca”. Não pode ir até junto dos outros homens nem estes podem chegar na rea-

⁸ *Os Demónios* (1872).

lidade até ele. Porque é o coração que origina a proximidade; é pelo coração que me encontro junto dos outros e os outros estão igualmente junto de mim. Só o coração pode acolher, dar refúgio. A interioridade é o ato e esfera do coração. Stavroguine, porém, encontra-se longe, [...] muito afastado também de si mesmo. O homem está em intimidade com o seu íntimo no coração, não no espírito. Estar em intimidade com o íntimo, no espírito, não é do domínio humano. Mas quando o coração não vive, o homem encontra-se ao lado de si mesmo»⁹.

13. É necessário que todas as ações sejam colocadas sob o “controle político” do coração, que a agressividade e os desejos obsessivos sejam acalmados no bem maior que o coração lhes oferece e na força que ele tem contra os males; que a inteligência e a vontade sejam também postas ao seu serviço, sentindo e saboreando as verdades em vez de as querer dominar, como algumas ciências tendem a fazer; que a vontade deseje o bem maior que o coração conhece, e que a imaginação e os sentimentos se deixem também moderar pelo bater do coração.

14. Em última análise, poder-se-ia dizer que eu sou o meu coração, porque é ele que me distingue, que me

⁹ Romano Guardini, *O mundo religioso de Dostoievski* (Lisboa, 1973), 232.

molda na minha identidade espiritual e que me põe em comunhão com as outras pessoas. O algoritmo que atua no mundo digital mostra que os nossos pensamentos e as decisões da nossa vontade são muito mais “standard” do que pensávamos. São facilmente previsíveis e manipuláveis. Não é o caso do coração.

15. Trata-se de uma palavra importante para a filosofia e a teologia, que procuram alcançar uma síntese integral. Na verdade, a palavra “coração” não pode ser explicada plenamente pela biologia, pela psicologia, pela antropologia ou por qualquer outra ciência. É uma daquelas palavras originais que «significam realidades que dizem respeito ao homem no seu conjunto enquanto pessoa corpóreo-espiritual»¹⁰. Assim, o biólogo não é mais realista quando fala do coração, porque vê apenas um aspeto dele e o todo não é menos real, pelo contrário, é-o ainda mais. Tampouco uma linguagem abstrata poderia ter o mesmo significado concreto e, simultaneamente, integrador. Se o “coração” leva ao mais íntimo da nossa pessoa, permite também que nos reconheçamos na nossa integralidade e não apenas num mero aspeto isolado.

¹⁰ Karl Rahner, «Einige Thesen zur Theologie der Herz-Jesu-Verehrung». In: *Schriften zur Theologie III* (Einsiedeln, 1956), 392.

16. Por outro lado, este poder único do coração ajuda-nos a compreender porque é que se diz que quando apreendemos uma realidade com o coração podemos conhecê-la melhor e mais plenamente. Isto conduz-nos inevitavelmente ao amor de que esse coração é capaz, porque «o mais íntimo da realidade é o amor»¹¹. Para Heidegger, segundo a interpretação de um pensador contemporâneo, a filosofia não começa com um conceito puro ou uma certeza, mas com uma comoção: «O pensamento deve ser comovido antes de trabalhar com conceitos, ou enquanto trabalha com eles. Sem a comoção, o pensamento não pode começar. A primeira imagem mental seria a pele arrepiada. É a comoção que primeiramente dá o que pensar e perguntar. A filosofia ocorre sempre numa tonalidade afetiva fundamental (*Stimmung*)»¹². É aqui que surge o coração, que «guarda as tonalidades afetivas fundamentais, [...] trabalha como “guardião da tonalidade afetiva fundamental”. O “coração” ouve não-metaforicamente a “voz silenciosa” do ser ao se deixar afinar e determinar por ela»¹³.

¹¹ *Ibid.*, 393.

¹² Han Byung-Chul, *O Coração de Heidegger. Sobre o conceito de tonalidade afetiva em Martin Heidegger* (Petrópolis, 2023), 93-94.

¹³ *Ibid.*, 151.

ÍNDICE

Capítulo I

A IMPORTÂNCIA DO CORAÇÃO	9
O que entendemos quando dizemos «coração»	9
Regressar ao coração	13
O coração que une os fragmentos	19
O fogo	23
O mundo pode mudar a partir do coração	26

Capítulo II

GESTOS E PALAVRAS DE AMOR	29
Gestos que refletem o coração	29
O olhar	32
As palavras	34

Capítulo III

ESTE É O CORAÇÃO QUE TANTO AMOU	37
Adoração a Cristo	37

A veneração da sua imagem	39
Amor sensível	43
Tríplice amor	46
Perspetivas trinitárias	50
Expressões recentes do Magistério	55
Aprofundamento e atualidade	58

Capítulo IV

AMOR QUE DÁ DE BEBER	65
Sede do amor de Deus	65
Ressonâncias da Palavra na história	69
A difusão da devoção ao Coração de Cristo	74
São Francisco de Sales	77
Uma nova declaração de amor	80
São Cláudio de La Colombière	84
São Charles de Foucauld e Santa Teresa do Menino Jesus	87
<i>Jesus Caritas</i>	87
<i>Santa Teresa do Menino Jesus</i>	89
Ressonâncias na Companhia de Jesus	96
Uma longa corrente de vida interior	99
A devoção da consolação	102
<i>Com Ele na Cruz</i>	103
<i>As razões do coração</i>	104
<i>A compunção</i>	108
<i>Consolados para consolar</i>	109

Índice

Capítulo V

AMOR POR AMOR	113
Um lamento e um pedido	113
Prolongar o seu amor nos irmãos	114
Algumas ressonâncias na história da espiritualidade ..	118
<i>Ser uma fonte para os outros</i>	118
<i>Fraternidade e mística</i>	120
A reparação: construir sobre as ruínas	125
<i>Sentido social da reparação ao Coração de Cristo</i>	125
<i>Reparar os corações feridos</i>	128
<i>A beleza de pedir perdão</i>	128
A reparação: um prolongamento do Coração de Cristo	131
<i>A oferta ao Amor</i>	133
<i>Integridade e harmonia</i>	136
Fazer o mundo enamorar-se	139
<i>Em comunhão de serviço</i>	143
CONCLUSÃO	147
<i>Índice</i>	149